

**INTERFACES EDUCAÇÃO E DIREITOS HUMANOS - RELATOS DE
FORMAÇÃO DE PROFESSORES COM AS 'CINECONVERSAS'****EDUCATION AND HUMAN RIGHTS INTERFACES - TEACHERS
'TRAINING REPORTS WITH 'CINECONVERSATIONS'**

Marcelo Ferreira Machado – UERJ/Brasil
Thamy Lobo – UERJ/Brasil
Renata Rocha – UERJ/Brasil

Maria Cecilia Castro –UERJ/UFF/Brasil

RESUMO: O texto tem por finalidade abordar as interfaces da formação docente atrelada aos direitos humanos aplicados às infâncias, a partir de *'cineconversas'* em um programa de pós-graduação em políticas públicas e formação humana. Neste sentido e convencidos da necessidade de ampliar os discursos acerca dos direitos das crianças e adolescentes para além do campo político e judicial, buscou-se fornecer subsídios didáticos-pedagógicos para os profissionais das áreas educativas, em especial professores, para que pudessem aprofundar-se do tema. Com auxílio de artefatos culturais, como os filmes e fazendo 'uso' (CERTEAU, 1994) do que chamamos de 'personagens conceituais' (DELEUZE, GUATTARI, 1992) buscamos *'conversar'* em torno da questão e fomentar *'prácticasteorias'* de formação humana em diálogo com os direitos humanos. Em nossos encontros, com a metodologia da conversa (MATURANA, 2001), buscamos compreender as complexas relações existentes nos mais diferentes *'espaçostempos'* e para isso *'vemosouvimosentimospensamos'* os filmes: "Garotos Selvagens", "A invenção da infância", "Escolarizando o mundo", "Infância sob controle", "Quando a casa é a rua" e "O contador de histórias". A partir desses enredos e tramas, tecemos *'conhecimentossignificações'* acerca dos direitos humanos e seus desdobramentos na sociedade. Os caminhos percorridos por nossa pesquisa corroboram a importância das vivências e experiências múltiplas para/na formação humana e transformação social.

Palavras-chave: Cinema. Cotidianos. Direitos Humanos. Educação. Encontros.

ABSTRACT: The text aims to address the interfaces of teacher training linked to human rights applied to children, from *'cineconversation'* in a postgraduate program in public policies and human training. In this sense and convinced of the need to expand the discourses about the rights of children and adolescents beyond the political and judicial field, we sought to provide didactic-pedagogical subsidies for professionals in the educational areas, especially teachers, so that they could deepen their knowledge. theme. With the help of cultural artifacts, such as films and making use of what we call "conceptual characters" (DELEUZE, GUATTARI, 1992) we seek to *'conversation'* around the issue and foster *'practicaltheories'* of human and teaching formation in dialogue with rights humans. In our encounter, with the methodology of conversation (MATURANA, 2001) we seek to understand the complex relationships existing in the

most different 'timespaces' and for that 'weseewhavemissed' the films: "Wild Child", "A invenção da infância", "Schooling the world", "Childhood under control", "Quando a casa é a rua" and "O contador de histórias". From these plots and plots, we weave 'knowledgemeanings' about human rights and their consequences in society. The paths taken by our research corroborate the importance of multiple experiences for human formation and social transformation.

Keywords: Movie theater. Daily life. Human rights. Education.

1. INTRODUÇÃO

Vivenciamos um período político onde o termo "direitos humanos", para alguns, infelizmente, tem uma conotação ruim, associam à proteção a pessoas que cometeram crimes, no sentido de não somente os proteger, mas os vitimizar, e não um direito que pertence a todos. Frases como "direitos humanos para humanos direitos" são frequentes nas redes sociais. E, na maioria das vezes, demonstram o quanto o assunto ganhou um viés sociopolítico nos últimos anos.

Estas, e outras discussões são fundamentais para a educação. A educação apresentada neste texto, não se restringe a um viés conteudista e mercadológico. Assim como a escola, que acreditamos ser um dos espaçostempos de encontros, agenciamentos, disputas, criações e reinvenções de si e do mundo.

Além disso, artefatos culturais são possibilidades de conversar e criar acerca dessas e outras diversas questões pertinentes a nossa sociedade. Peças teatrais, livros, exposições e filmes são mais que meros instrumentos, são potências, que nos permitem 'verouvirsentirpensar' (1) e entender muitos cenários, conhecer culturas e refletir muitas situações. Por este motivo defendemos a ideia de que estes artefatos culturais estejam presentes nos cotidianos escolares, o que nomeamos de artefatos curriculares.

2. MATERIAL E MÉTODO

A 'conversa' é uma metodologia usada no grupo de pesquisa no qual fazemos parte, do programa de pós-graduação em educação da UERJ (ProPEd). E diante deste fato, concordamos com o autor chileno Maturana (2001) que diz que através de uma 'conversa' podemos dizer muitas coisas, muitas das quais não diríamos em interrogatórios, entrevistas e em 'espaços tempos' formais, mas assim, quando nos

dermos conta, nas conversas, já tecemos fios de pensamentos e nos permitimos falar muitas mais. Nas pesquisas com os cotidianos, as conversas são *locus* principais para entendermos as criações e resistências ocorridas no dia-dia.

Nossa proposta foi a exibição de filmes na disciplina Direitos Humanos, Infância e Cinema, realizada no Programa de Pós-Graduação em Política Públicas e Formação Humana e, após isso, realizar uma ‘conversa’, acerca dos filmes, da temática de direitos humanos e de notícias surgidas durante a semana. Essa metodologia é nos parece acertada, pois permite a abordagem de temas complexos a partir das películas, produzindo sensibilidade, respeito e processos de ‘aprendizagensensinos’ dos ‘praticantespensantes’ envolvidos na discussão, como nos diz Skliar (2018, p.12):

Uma conversa é, essencialmente, um gesto pedagógico, à medida que educar pode ser compreendido como o modo de conversar a propósito do que faremos com o mundo e com a vida, o que farás de melhor com o mundo e como tornarás responsável por tua vida. Como um gesto pedagógico, conversar se dirige não tanto àquilo que as coisas são, mas àquilo que há nas coisas. Conversa-se não tanto sobre um texto, mas sobre seus efeitos sobre alguém, conversa-se não tanto um saber, mas sobre as ressonâncias em nós, conversa-se não para saber, mas para manter tensas as dúvidas essenciais: o amor, a morte, o destino, o tempo.

Para os nossos encontros usávamos toda a infraestrutura da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, os artefatos tecnológicos que nos permitissem ‘*verouvirsentirpensar*’ o filme, como computadores, projetores e caixas de som. Ademais, fazíamos novas formas de ‘usos’ (CERTEAU, 1994) das mídias/filmes para surgir novos ‘*conhecimentosignificações*’. Confirmamos o que é dito por Santos (2014, p.14): “...às estratégias de aprendizagem e os saberes emergem da troca e da partilha de sentidos de todos os envolvidos.

“A validade da ciência está em sua conexão com a vida cotidiana” (MATURANA, 2001, p. 30 *apud* OLIVEIRA, 2008, p. 29). Através dessa escrita, podemos observar o quanto ciências e cotidianos não podem ser tratados de modo dicotômico, muito pelo contrário, é possível e fundamental que encontremos respostas científicas nas nossas atividades cotidianas, que usemos-nos desses caminhos para movimentar ações nos mais diversos ‘*espaçostempos*’, inclusive os escolares e acadêmicos.

Conforme já mencionamos, Deleuze e Gattari (1992) trabalham com a ideia de ‘personagens conceituais’ que não necessariamente são pessoas ou indivíduos, mas sim possibilidades e narrativas que nos instigam a ‘*verouvirsentirpensar*’ acerca de temas variados. Alves (2010, p. 12-13) aprofunda melhor sobre essa perspectiva:

[...] os personagens conceituais são, assim, aquelas figuras, argumentos ou artefatos que entram como o outro – aquele com que se ‘conversa’ e que permanece presente muito tempo para que possamos acumular as ideias necessárias ao desenvolvimento de conhecimentos e a compreensão de significações nas pesquisas que desenvolvemos. Esses personagens conceituais aí têm que estar, para que o pensamento se desenvolva, para que novos conhecimentos apareçam, para que lógicas se estabeleçam.

Neste cenário de encontros e partilhas, com auxílio dos artefatos culturais/tecnológicos, apresentamos nossos caminhos para a escritura deste relato. Emaranhados não só com nossos pensamentos, mas da interface dos filmes, da educação e das vivências trocadas em uma sala de aula da pós-graduação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

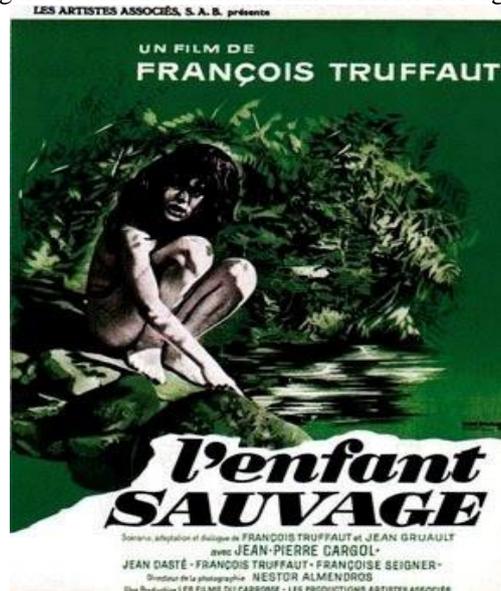
Nesta seção, apresentamos alguns aspectos dos filmes que nos provocaram e as conversas a respeito deles. Não temos pretensão de explica-los, como se houvesse somente um ponto de vista e apresentar respostas para as questões apresentadas, mas mostrar como o cinema, assim como as conversas, criam múltiplas possibilidades, sendo potente como um artefato curricular, como nos lembra Guéron (2011, p.15):

Em outros termos: não compreendemos o cinema como uma linguagem fechada em si mesma e que deveria ser analisada enquanto tal. Ao contrário, insistindo no que afirmamos acima: só nos parece possível estudar profundamente o cinema se o compreendemos como algo que faz a vida passar por ele, e que passa pela vida. Numa reflexão tipicamente deleuziana, diríamos que o cinema é uma possibilidade virtual de um mundo atual (o chamamos de “real”); uma possibilidade que deseja, e tantas vezes consegue, se atualizar: “se tornar real”.

O primeiro filme assistido, “*Garoto selvagem*” (1970), um drama francês, dirigido por François Truffaut, foi baseado no livro de Jean Itard e conta a história de um menino, de aproximadamente 12 anos de idade, que foi encontrado em uma floresta por caçadores e aparentemente nunca havia tido contato com a sociedade e com outros seres,

que não os da floresta. Ele acaba sendo cuidado por um médico e professor que estuda o seu desenvolvimento e realiza experimentos no jovem para o desenvolver, já que, na percepção dele, seria necessária essa intervenção para que conseguisse viver em sociedade.

Figura 1: Cartaz francês do filme “Garoto Selvagem”



Fonte: Wikipedia

O filme começa com a descoberta do menino na mata, onde, aparentemente, viveu sozinho, pois demonstra habilidades necessárias para a sua sobrevivência, como por exemplo, sua rapidez ao subir em árvores bem altas e a alimentação rudimentar à base de sementes e grãos. As cenas iniciais já retratam como uma suposta intenção de fazer o bem e o certo, a partir de uma concepção, pode ser transformada em violência. Essa agressão já aparece durante o encontro com o menino que se torna uma captura. Ele chega à cidade como se fosse uma atração, muitos à sua volta, apontando e comentando, o que nos lembra os antigos circos, algumas particularidades fenotípicas (cor da pele, estatura, formato de órgãos, etc.) eram motivos para atrair pessoas a comprarem ingressos acreditando que observar pessoas consideradas diferentes era uma forma de entretenimento.

A película coincide com o início dos estudos em torno da psiquiatria na França, onde se passa a história. Quando o professor encontra o jovem e o leva a sua casa com a intenção de torná-lo sociável, nos vemos como expectadores, admiramos seu ato e torcemos para que o menino consiga “fazer parte daquela sociedade”, mas a partir do

momento que acompanhamos a obstinação do professor, seu método de repetição de exercícios e a rotina cansativa, começamos a nos questionar se realmente, a captura, foi o melhor para o jovem.

Outro questionamento feito foi: O menino ficou mudado por estar tanto tempo isolado, ou foi isolado por ser diferente? Pois, ao ser encontrado, percebem uma cicatriz, que ao ‘*verouvirsentirpensar*’ o filme, nos perguntamos se foi feita por animais ou humanos.

Outro destaque é que o professor insere na vida do menino diversas regras e exercícios para que, segundo ele, deixe de ser selvagem e possa conviver em sociedade. Ele precisa aprender a pedir leite, a identificar nome de objetos e a vestir sua roupa, o método é tão exaustivo, que a mulher que o auxilia se compadece do menino, reclama da falta de tempo livre e que ele aparenta estar exausto. Há uma preocupação constante com a performance, com se enquadrar nos padrões, para que assim, seja aceito. E de preferência de forma bem rápida, já que é uma criança com a idade avançada e não teve tempo hábil para ser educado no tempo que as outras crianças são.

A interpretação do menino, realizada pelo ator-mirim Jean-Pierre Cargol, é um traço do filme que merece destaque. O olhar, em alguns momentos contemplativo e distante, traduz o que um dos personagens do filme diz ao lhe descrever: “*nos olha sem ver, nos escuta sem ouvir*”, ele faz com que o filme seja visto por sua perspectiva e que torçamos o tempo todo por ele.

Trazendo para os nossos dias, a película nos faz refletir acerca dos métodos que ainda existem quando pensamos em ‘*ensinoaprendizado*’. Repetições, gratificações ao realizar o que esperamos, e perspectivas acerca do que seria “ser humano”, “ser criança” e “aprender”. Seguir padrões? Realizar etapa atrás de etapa? E o que sobra para as crianças que não alcançam o esperado? Uma rotina mais intensa de exercícios? Medicalização? Atividades complementares? Como vai nos dizer Arantes (2016, p.6):

O que é ser criança, pai, mãe, parente etc, nas diferentes tradições? O que isto implica em relação ao modo do cuidado, distribuição das tarefas, alianças e expectativas? Como deve se dar o diálogo intercultural, para que não se constitua em mera imposição de valores ou recolonização? .

O filme nos lembra uma frase que encontramos no banheiro da UERJ, localizada no Maracanã: “*fazer o bem por medo do castigo, não é ser bom*”. Outrossim,

‘*Verouvirsentirpensar*’ o filme nos possibilitou uma reflexão do que vem a ser “realmente” um cidadão. A partir do momento que fere a sua própria natureza, convém insistir? Neste aspecto abrimos o debate acerca dos limites entre educação como direito fundamental da criança e do adolescente (BRASIL,1988), quando o direito fere o “direito de ser criança” (ECA,1990) e numa etapa da vida que deveria acontecer de modo natural e processual.

Um outro filme que desejamos destacar é “*A invenção da infância*” (2000), um documentário, dirigido por Liliana Sulzbach, que nos traz questionamentos acerca do que vem a ser infância, a partir de relatos de pais e crianças de diferentes realidades sociais. Esse filme demonstra que assegurar o direito à criança não, necessariamente, a oferece a infância que as políticas públicas idealizam. Segundo Del Piore (2015, p.8), “ existe uma grande diferença entre o mundo infantil descrito pelas organizações internacionais, pelas não governamentais e pelas autoridades, daquele no qual a criança encontra-se cotidianamente imersa”. As infâncias, como pretendemos tratar, podem ser marcadas por uma quantidade de atividades para o seu desenvolvimento, em uma perspectiva cultural de produção para a vida adulta e, sob outras culturas, pode ser *‘espaçotempo’* de trabalho infantil para sobrevivência.

Figura 2: imagem do filme “A invenção da infância”.



Fonte: *curtadoc.tv*

No início do filme temos o relato de uma mãe que diz que teve 28 filhos, mas somente 6 estão vivos. Essa frase impactou uma das autoras, devido a sua história pessoal, sua avó materna, nascida na Paraíba, teve 16 filhos, oito sobreviveram e oito faleceram ao nascer ou pouco depois, de doença ou de “providência” morreram de pobreza, como

sua avó costumava dizer. A autora se recorda dos relatos dos partos que ela fazia, em dois dele, as comadres, que estavam em sua casa, se assustaram e saíram correndo, a deixando sozinha para realizar o próprio parto. Ela costumava rir muito ao contar, riam juntas, mas hoje, a autora faz a reflexão de como aquele episódio retrata uma falta de assistência, social e médica e como que com, talvez, um pouco mais de cuidado, seus tios estariam vivos.

Os tios que ela nunca conheceu. Ou melhor, viu rapidamente através do álbum de fotos que sua avó guardava como um tesouro e que tinha fotos de todos os filhos falecidos, alguns no próprio caixão, de branco e com auréolas em suas cabeças, como se fossem anjos. O álbum era complementado por um caderninho onde ela anotava os nomes e as datas de nascimento de falecimento.

Em contraponto, as crianças com necessidades básicas na Bahia, o documentário mostra crianças de classe média alta em São Paulo com todas suas necessidades supridas e ainda mais, pois vivem entre uma atividade e outra, com pouco tempo livre. São meninas que aparecem imitando gestos e ações de adultos e aparentam uma sobriedade, uma seriedade que não estamos acostumados a observar em crianças.

O que as crianças apresentam em comum é exatamente a ausência das possíveis infâncias, que reverbera em tempo para se expressar, para ser livre e explorar o mundo em todas as suas etapas de desenvolvimento. O documentário nos faz refletir acerca do termo infância, que vai muito além de oferecer providências ao seu desenvolvimento biológico do ser, nos faz *‘verouirsentirpensar’* se existe uma maneira correta de ser criança e nos faz questionar se esse sistema capitalista tem que necessariamente ser o único, ser o necessário.

Ao *‘verouirsentirpensar’* um outro filme, **“Ecolarizando o mundo”** (2010) dirigido por Carol Black, ouvimos o relato de que seriam necessários cinco planetas terras para todos terem o mesmo padrão de vida, ou seja, é impossível. Em um momento onde muitos defendem e reforçam ideias meritocráticas, em que: “quem quer consegue”, “basta se esforçar” e “todos têm condições de conseguir”, um documentário como esse aponta que nem todas as crianças nascem nas mesmas oportunidades e que de fato não existe infância, mas infâncias. Compreendendo a ideias de que nos constituímos a partir de múltiplas “redes de conhecimento significações” que formamos e somos formados.

Já no filme francês *“A Infância sob Controle”* (2009), de Marie Pierre Jaury, observamos como a ciência, muitas vezes, enxerga a criança. O documentário apresenta estudos de transtornos, atribuídos às crianças utilizando testes fraudados, para que causem frustração e alcancem o resultado esperado pelos especialistas, com o objetivo de “rastrear futuros delinquentes”. É a temática de domínio do corpo, que deve ser controlado com o uso de medicamentos, fortalecendo a indústria farmacêutica.

Figura 3: Cena do documentário “Infância sob controle”



Fonte: google imagens

Uma das crianças que aparecem no documentário e passa por um dos testes com resultados viciados de propósito para causar irritabilidade, demonstra insatisfação, justificada, com os resultados dos jogos. Uma psicóloga que o acompanhava em outra sala, menciona que ele apresenta sinais de alta ansiedade, só pelo fato do menino ter respondido com o corpo, se agitando, olhando para os dois lados, a injustiça que lhe proporcionaram, demonstrando como alguns especialistas tendem a compreender o corpo como uma unidade que deve atingir um padrão para ser considerado “normal” e não agir como o esperado como “normal”, indica uma futura ameaça à sociedade. Há inclusive um gráfico que demonstra qual é o desenvolvimento esperado para uma criança, com uma linha reta. Todos que não seguem a linha devem sofrer intervenções, se possível de origem farmacêutica, para que consigam se desenvolver como o esperado. Desse modo, o desenvolvimento está atrelado aos movimentos corporais. Quem se movimenta em excesso é facilmente enquadrado como alguém que padece de algum distúrbio e/ou patologia.

Infelizmente essa percepção chega às escolas, promovem a medicalização de muitas crianças, por apresentarem atitudes que poderiam ser mediadas com propostas pedagógicas diferenciadas, ao invés de uma medicalização precoce, nociva e muitas vezes desnecessária. É um filme recente que trata uma questão muito importante acerca de como são previstas as performances das crianças e como a solução prevista está na medicina, com grande colaboração da indústria farmacêutica.

O documentário “*Quando a casa é a rua*” (2012), de Theresa Jessouroun, faz uma reflexão acerca dos motivos possíveis que levam as crianças irem para as ruas e o que as fazem deixar as ruas. A maior parte das crianças buscam as ruas para fugir da violência doméstica, da pobreza, e que acabam criando, nas ruas, laços familiares, por viverem em conjunto e precisarem se proteger. Algumas crianças do documentário chegaram a alternar entre sua casa e a rua, até não retornarem mais para as residências. Na tentativa de resgate do laço familiar aparecem avós, geralmente maternas, que assumem a maternidade e não compreendem o comportamento dos netos que viveram pelas ruas por algum tempo, como a impossibilidade de executar um gesto cotidiano como, por exemplo, arrumar a cama. A rua não possui cama.

Figura 4: Imagem do filme “Quando a casa é a rua”



Fonte: tvbrasil.com

A maior reflexão que o filme nos proporciona é a ação do estado. Sabemos que na rua faltam diversos fatores para o desenvolvimento da criança, mas a prática que deveria ser de acolhimento, muitas vezes funciona como recolhimento, ainda mais em épocas em que os governantes entendem que pessoas em situação de rua não trazem uma

imagem positiva para a sociedade, não entendendo que algumas pessoas preferem as ruas e outras precisam de muito mais do que serem encaminhadas para abrigos sem condições mínimas para acolher pessoas. Crianças em situação de rua precisam de apoio, de ter seus direitos assegurados como for possível. Caso queiram ficar nas ruas, não quer dizer que não terão assistência.

O último filme que comentaremos é **“O contador de histórias”** (2009) de Luiz Villaça que conta a história baseada em fatos de Roberto Carlos Ramos, que possui nove irmãos e é levado por sua mãe para a Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor – Febem, pois ela acreditava que ele teria a educação que ela não poderia lhe oferecer, que ele sairia dali “doutor”.

Figura 5: poster do filme O contador de histórias



Fonte: worldpress.com

O filme é encantador, pois é narrado pelo seu personagem principal, que depois realmente se transformou em um contador de histórias, como se fosse um conto encantado. Até as partes mais duras do filme, são narradas com leveza e a curiosidade de uma criança que mesmo em meio a situações tão adversas, consegue ‘*verouvirsentirpensar*’ poesia onde aparentemente não existe.

Roberto foge da Febem diversas vezes até esbarrar com a pedagoga francesa Margherit Dugas, que abre as portas de seu apartamento e com bastante paciência e principalmente afeto, vai conquistando Roberto, sem nunca interferir em sua criatividade e espontaneidade.

O filme nos traz reflexões de como funcionava a Febem, e como hoje funcionam essas unidades socioeducativas. Muitos pais acreditavam que a Febem iria oferecer o que eles não podiam, como refeições diárias, educação de qualidade e disciplina, enquanto que parte do filme e alguns relatos que ouvimos, até nos próprios encontros da disciplina por termos colegas que possuem pais que já passaram pela Febem, relatam casos de violência, maus tratos e falta de alimentação necessária. No filme, a pedagoga francesa cumpre o papel que o estado deveria cumprir nessas unidades, a história é incrível, mas é triste imaginar que Roberto foi um que foi ajudado, enquanto diversos outros não têm o mesmo destino.

Finalizamos as apresentações dos filmes com **“O contador de histórias”** (2009), pois por mais que tenha denúncia de como o sistema pode ser injusto, cruel e fugir ao que orienta a lei. O afeto, a atenção às particularidades e o respeito ao ser humano podem fazer grandes transformações.

Essas produções fílmicas, dialogam com Kuhlmann e Fernandes (2004) apresentam uma definição do campo situado entre a história da criança e infância. Segundo os autores, a história da infância seria compreendida como “a história da relação da sociedade, da cultura, dos adultos com essa classe de idade e a história da criança seria a história da relação das crianças entre si e com os adultos, com a cultura e a sociedade” (pag.15).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Conforme apresentamos ao longo do texto, os filmes não são reprodutores de realidades, mas estes ampliam as possibilidades de problematização, diálogos e reinvenções de nós mesmos e do mundo. Eles criam suas próprias realidades com roteiro, direção e inúmeras técnicas. As narrativas fílmicas podem proporcionar uma potência do real. Não possuem capacidade de sozinhos, transformar realidades. Na verdade, eles são criações que se propõe a documentar situações ocorridas. Porém, ao *‘verouvirsentirpensar’* os filmes e nos permitirmos conversar acerca deles e, muitas vezes, percebemos condições de mudanças necessárias e possíveis em nossa sociedade.

As conversas tecidas durante os encontros foram compostas por profissionais que atuam em diferentes atuações sociais, políticas e profissionais. Todos em algum momento das *‘cineconversas’* *‘viramouviramseoirampensaram’* a partir de suas próprias *‘redes de*

conhecimentossignificações’ propiciando a riqueza das narrativas apresentadas neste artigo.

Conhecer outras realidades, infâncias e vivências torna-se importante para chamarmos atenção da potência dos cotidianos, além de demonstrar a relevância que as conversas desencadeadas proporcionam a partir das vivências que são parte de cada um dos que participam deste espaço-tempo na reinvenção de si e do mundo.

Notas de rodapé

(1) Lembramos que nosso projeto comum, no grupo de pesquisa – “Processos curriculares e movimentos migratórios: os modos como questões sociais se transformam em questões curriculares nas escolas” (2017-2022) – inclui um movimento a que chamamos, desde o projeto anterior, de ‘*cineclubes*’. Recentemente, por proposta de uma das componentes do grupo passamos a chamar este movimento de ‘*cineconversas*’, pois de fato, sem seguir a tradição de cineclubes, o movimento que realizamos tem as ‘conversas’ em torno de temáticas introduzidas pelo processo de ‘*verouvirsentirpensar*’ os filmes como lócus centrais dessas pesquisas. Assim, não se trata de conhecer os filmes em si e discuti-los em sua historicidade, construção técnica, como obra artística de um criador etc. – o que caracterizaria os processos realizados em um cineclube - mas de tê-los como iniciador de pensamentos que permitam as ‘conversas’. Estas são conduzidas, tanto para a versão de realidades de migrações - em ocasiões diferentes, em ‘*espaçotempos*’ diversos, por causas diferenciadas - que os filmes permitem, como, em especial, para como essas ideias permitem ‘*verouvirsentirpensar*’ processos de acolhimento de crianças e jovens – bem como seus pais – nas escolas brasileiras. Partimos das ideias que os ‘*praticantespensantes*’ das pesquisas como criações desses processos que conhecem ou que pensam ser possíveis de realizar.

(2) Este modo de escrever estes termos juntos e grafados em itálico e entre aspas simples – tais como os termos ‘*aprenderensinar*’, ‘*práctateoria*’, ‘*praticantespensantes*’, ‘*espaçotempos*’, ‘*conhecimentossignificações*’, ‘*docentesdiscentes*’, entre outros – é utilizado em pesquisas com os cotidianos e serve para nos indicar que, embora o modo dicotomizado de criar conhecimento na sociedade Moderna tem sua significação e importância, esse modo tem significado limites ao desenvolvimento de pesquisas nessa corrente de pensamento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Nilda G. A compreensão de políticas nas pesquisas com os cotidianos: para além dos processos de regulação. **Revista Educação & Sociedade**, Campinas, v. 31, n. 113, p. 1195-1212, out.-dez. 2010. <Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-73302010000400008&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em 02 abr. 2020. <https://doi.org/10.1590/S0101-73302010000400008>.

ARANTES, Esther M. M. Duas décadas e meia de vigência da convenção sobre os Direitos da Criança: algumas considerações. *In: Atualidades em Psicologia Jurídica / org. Eduardo Ponte Brandão*. Rio de Janeiro: Nau Editora, 2016.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano** – as artes de fazer. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles; GATTARI, Félix. Personagens conceituais. In DELEUZE, Gilles e GATTARI, Félix. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed 34, 1992: 81-109.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. Cenários para a geografia: sobre a espacialidade das imagens e suas significações. In: ROSENDAHL, Zeny. CORRÊA; Roberto Lobato (Orgs). **Espaço e Cultura: pluralidade temática.** Rio de Janeiro: EdUERJ, 2008.

GUÉRON, Rodrigo. **Da imagem ao clichê, do clichê à imagem: Deleuze, cinema e pensamento.** Rio de Janeiro: NAU Editora, 2011.

KUHLMANN JR, M.; FERNANDES, R. **Sobre a história da Infância.** In: FILHO, L. M. F. (Org.). A infância e sua educação: materiais, práticas e representações. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

MATURANA, Humberto. **Cognição, ciência e vida cotidiana** / Humberto Maturana, organização e tradução Cristina Magro, Victor Paredes – Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

DEL PIORE, Mary (Org.). **Histórias das crianças no Brasil.** São Paulo: Contexto, 2015.

SANTOS, Edméa. **Pesquisa-formação na cibercultura.** Santo Tirso/Pt: Whitebooks, 2014.

SKLIAR, Carlos. **Conversa como metodologia de pesquisa: por que não?** / orgs. Tiago Ribeiro, Rafael de Souza, Carmen Sanches Sampaio. - Rio de Janeiro: Ayvu, (Coleção Ciência e pesquisa em questão; 1), 2018.

Credenciais da/os autora/es

MACHADO, Marcelo Ferreira. Coordenador Pedagógico e professor nas redes pública e privada do RJ, graduado em Geografia (UFRJ), Mestre em Educação (PPGEDU/UERJ), Doutorando em Educação (PROPED/UERJ).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7845-7340>

E-mail: mar_chado@hotmail.com

LOBO, Thamy. Revisora e Docente na Associação Beneficente São Martinho. Graduada em Letras (Universidade da Cidade), Mestranda em Educação (PPGEDU/UERJ). 

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2606-9642> E-mail: thamy.lobo@hotmail.com

ROCHA, Renata de Oliveira, graduada em *Pedagogia* (UERJ). Especialista em Ensino de Histórias e Culturas Africanas e Afro-brasileiras (IFRJ), Mestranda em Educação (PPGEDU/UERJ). Bolsista Capes/DS.  Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2160-2302> E-mail:renatarochaoliveira87@gmail.com

CASTRO, Maria Cecília. Professora Colégio Universitário Geraldo Reis (Coluni/UFF), graduada em Pedagogia (UERJ), Mestre em Educação (PROPED/UERJ), Doutoranda em

Interfaces Educação e Direitos Humanos: Relatos de formação docente com as “cineconversas”

Educação (PROPED/UERJ), Bolsista Capes (PROEX).

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2803-3432> Email: mcecilias.castro@gmail.com



Endereço para correspondência: Marcelo Machado. São Francisco Xavier, 524, Maracanã, Rio de Janeiro – RJ – Cep 20550-900. Programa de Pós-Graduação em Educação – PROPED. Campus Francisco Negrão de Lima.

E-mail: mar_chado@hotmail.com

Como citar este artigo (Formato ABNT): MACHADO, Marcelo. LOBO, Thamy. ROCHA, Renata. Interfaces Educação e Direitos Humanos: Relatos de formação docente com as “cineconversas”. **Educação, Psicologia e Interfaces**, v. 4, n.3, p.1-15, 2020.

Recebido: 08/04/2020.

Aceito: 20/05/2020.